



Conteúdos colaborativos na web O funcionamento das comunidades virtuais¹

Alana ARAÚJO²

Mirna Feitoza PEREIRA³

Universidade Federal do Amazonas, Amazonas, AM

RESUMO

Este *paper* analisa o funcionamento das comunidades virtuais tendo como *corpus* a produção de conteúdos colaborativos para o fórum Ubuntu Linux e para a enciclopédia online Wikipédia. Antes de proceder nas análises, busca-se uma compreensão do conceito de comunidade a partir dos primórdios dessa forma de vida social até a desestruturação de seus valores com a chegada da sociedade moderna. As comunidades virtuais são definidas no contexto do surgimento da internet. Propõem-se quatro categorias para a análise a partir da pesquisa bibliográfica realizada sobre o conceito de comunidade: cooperação, confiabilidade, autoridade e espaço. Através dessas categorias e da construção histórica feita ao longo do trabalho, define-se, finalmente, o papel que as comunidades virtuais assumiram na sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: comunidade; internet; ciberespaço; web; sociedade.

Introdução

As comunidades virtuais aparentam ser algo “novo” apenas pelo virtual que carregam em seu nome. Isto porque elas apresentam características em sua formação que vêm desde os primórdios da humanidade. A comunidade como uma forma de integração social se intensificou quando o homem deixou de ser nômade e passou a produzir em locais fixos. A partir do surgimento da acumulação de bens, os valores característicos de uma comunidade começaram a se dissolver.

Hoje as relações comunitárias ressurgem por meio das comunidades virtuais. O desafio da pesquisa cujos resultados são apresentados neste *paper* foi identificar as características desse novo tipo de comunidade, buscando refletir sobre as condições históricas que levaram à sua emergência. Neste sentido, estudar as comunidades virtuais implicou refletir sobre formações comunitárias que a antecederam. Os resultados a que se chegou revelam que muitas das características encontradas nas comunidades virtuais estão presentes nas comunidades “reais”.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Multimídia - Intercom Jr - do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

² Graduada em Comunicação Social – Jornalismo na Ufam. email: alanajbecker@yahoo.com.br.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Ufam. mirnafeitoza@gmail.com



A pesquisa realizada buscou compreender o funcionamento das comunidades virtuais tendo como *corpus* de análise a produção colaborativa de conteúdos no fórum Ubuntu Linux e na enciclopédia online Wikipédia. Utiliza-se como método de abordagem a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo a partir de quatro categorias de análise: cooperação, confiabilidade, autoridade e espaço. As categorias resultam da reflexão teórica realizada sobre o conceito de comunidade, tendo como base autores como Bauman (1998), Castells (2001), Durkheim (2001), Pierre Lévy (2000), Jean Piaget (1965) e Ferdinand Tönnies (2003). A partir das análises e da reflexão empreendidas define-se o papel que as comunidades virtuais assumiram na sociedade contemporânea.

Toda a construção realizada procurou contextualizar o funcionamento das comunidades virtuais não só no espaço em que geralmente são idealizadas, o espaço virtual, mas também na história sob a qual foram concebidas. O tema, mais do que simplesmente referir-se ao que é moderno, compreende o antigo. Lida com diferentes épocas e reflete a união de seus valores nos dias de hoje.

Expõem-se, a seguir, a reflexão teórica acerca do conceito de comunidade.

O desenvolvimento da comunidade

A palavra comunidade vem do latim *communis*, que significa agrupamento, união. Os primeiros grupos humanos surgiram para superar barreiras naturais. Eram constituídos por caçadores e coletores, que dividiam tarefas. O objetivo era a subsistência. Não havia a propriedade privada, e a terra pertencia a todos do grupo. Esse cenário foi a primeira prática do sentido de “comunidade”, que teve uma significação histórica a partir da concepção grega de cidade, a *polis*. A base da formação da *polis* foi a *gênos*. As comunidades gentílicas eram patriarcais, os rituais eram restritos aos que nascessem dentro do território e a propriedade era inalienável e indivisível. (MELO & SOUZA, 2008, p.2). Na *polis* as pessoas passaram a se reunir em praça pública para decidir a vida da sociedade, as estruturas não eram mais inalienáveis e indivisíveis. (MELO & SOUZA, 2008, p.34). Assim, as primeiras comunidades foram desenvolvidas

[...] por pessoas unidas por laços naturais ou espontâneos, assim como por objetivos comuns que transcendem os interesses particulares de cada indivíduo. Um sentimento de pertencimento a mesma colectividade domina o pensamento e as acções das pessoas, contribuindo cada membro para a unidade ou união do grupo. A comunidade é, pois, um todo orgânico, no seio do qual a vida ou interesse dos membros se identificam com a vida e o interesse do conjunto. (PAIVA, 2003, p.69).



O desenvolvimento do feudalismo na Europa, a partir do século IX, trouxe como raiz o sentido de comunidade. No feudalismo, a fidelidade sustentava os laços feudais, que ocorriam através de uma hierarquia entre o vassalo e o senhor feudal. O feudo possuía a mesma idéia de auto-suficiência das primeiras comunidades, que procuravam produzir apenas para sobrevivência. No feudalismo, as relações sociais não se reduziam a laços de dinheiro sustentados pela separação entre os meios de produção e o produtor. Apesar disso, havia comerciantes e artesãos que precariamente circulavam bens dentro dos domínios senhoriais. Essas pessoas eram chamadas de burgueses. (MOTA & BRAICK, 2002, p.114). A ação dos burgueses,

[...] destruiu os modos de organização do trabalho, as formas da propriedade no campo e na cidade; debilitou as antigas classes dominantes [...]; substituiu a legislação feudal, e eliminou os impostos e obrigações feudais, as corporações de ofício e o sistema de vassalagem que impedia que os servos se transformassem nos trabalhadores livres [...]. (QUINTANEIRO & BARBOSA & OLIVEIRA, 2002, p.48).

O comércio se generalizou a partir do século XI: a produção local cresceu e a fabricação contínua de oficinas urbanas substituiu as antigas oficinas. O capitalismo começava a se desenvolver. A Revolução Industrial intensificou a urbanização. A idéia inicial de cooperação das primeiras comunidades se transformou: antes, o interesse comum visava beneficiar todos os membros do grupo. Agora a cooperação passa a atender interesses particulares. Isso ocorre através da divisão social do trabalho, que surgiu através da produção de excedentes - prática inexistente nas primeiras comunidades humanas, que produziam apenas para sobrevivência. Agora surge outro tipo de relação: a sociedade.

Comunidade, Sociedade e Globalização

Tonnies (2003, p.33) mostra a diferença entre sociedade (*Gesellschaft*) e comunidade (*Gemeinschaft*) em seu livro “Community and Society”, de 1887. Para o autor, tudo o que é íntimo ou privado é entendido como comunidade, onde as pessoas são mais fortes por terem mais unidade. Na sociedade, as relações são transitórias e superficiais. Assim, a comunidade é um organismo vivo, e a sociedade um artefato mecânico.

Bauman (2001, p.19), baseando-se em Tonnies, afirmou que comunidade é um grupo pequeno que transmite o sentimento de segurança ao indivíduo. Sociedade é um grande grupo da era moderna que prioriza a liberdade (não oferecida pela comunidade).



Já Durkheim (1895), elaborou o conceito de solidariedade social para explicar o relacionamento entre os membros de um grupo, levando em conta a divisão social do trabalho. Segundo o autor, o homem possui duas consciências: a comum (anseios do grupo) e própria (que forma a individualidade). Quanto mais forte a consciência comum, mais forte será a coesão do grupo. Nas sociedades com divisão social do trabalho, a consciência comum ocupa um espaço reduzido no meio social, por isso a solidariedade social irá inserir-se nesse espaço para unir os membros do grupo.

De acordo com Durkheim (2001), há dois tipos de solidariedade: orgânica e mecânica. Na solidariedade mecânica o homem é uma “coisa” e não há distinção entre os indivíduos. À medida que a sociedade se segmenta e as relações sociais se estendem, a divisão social do trabalho cresce, fazendo com que apareça a solidariedade orgânica. Os indivíduos, então, passam a se concentrar em uma área de atuação, e as diversas áreas de atuação começam a criar laços de interdependência. A consequência disso foi o desequilíbrio moral nos indivíduos. O progresso não foi acompanhado pelo desenvolvimento de instituições dotadas de uma autoridade capaz de regulamentar interesses e estabelecer limites.

Uma das principais características desse progresso foi a especialização, que ressaltou as diferenças entre os indivíduos. Entretanto, não houve uma organização social que pudesse manter um sistema integrado e estável de controle social. (DEFLEUR, 1976, p.141). Defleur, baseando-se em Tonnies, disse que, ao mesmo tempo em que a sociedade se torna complexa, menor é a capacidade do indivíduo de se identificar com o outro e viver no espírito de uma comunidade.

As comunidades estão diretamente relacionadas ao espaço onde são construídas, por isso é importante levar em consideração os conceitos de território e territorialidade. É no território que as práticas sociais ocorrem e adquirem as características inerentes ao local em que são realizadas. A territorialidade é a relação entre o indivíduo/grupo e o local em que vive, criando um sentimento de pertencimento a um espaço geográfico. (BRAGA & MORELLI & LAGES, 2004, p.29). Já que tanto o território quanto a territorialidade são construções das relações sociais, também são alvos de um dos principais fatores de instabilidade da sociedade atual: a globalização.

Hoje não se fala mais em espaços isolados. A globalização transformou as relações quanto ao espaço/tempo e construiu novas territorialidades. Desde que Karl Marx, em o Manifesto Comunista (1848), disse que “tudo o que é sólido desmancha no ar”, as relações sociais já estavam se liquefazendo. A solidez era representada



principalmente pelas tradições, que evitavam que o que fosse sólido pudesse derreter. O objetivo da modernidade era desconstruir essa solidez e construir uma nova. “[...] os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas”. (BAUMAN, 2000, p.12). Os antigos moldes tradicionais passaram por esse processo, como a comunidade, por exemplo. A comunidade está se liquefazendo e, como um fluido, não mantém sua forma, movendo-se rapidamente, “transbordando”, “inundando”, “filtrando”, etc..

A comunidade virtual e o ciberespaço

Segundo Castells (2001, p.34), a internet possui hoje a cultura de seus criadores, estruturando-se em quatro camadas: cultura tecnomeritocrática, hacker, comunitária virtual e empresarial. A criação da internet baseou-se na cultura tecnomeritocrática, que tem suas raízes nos estudos acadêmicos e na ciência. Nessa cultura o uso dos conhecimentos adquiridos está voltado, principalmente, para o bem da comunidade como um todo. A cultura hacker faz a ligação entre o conhecimento formado na cultura tecnomeritocrática e a tecnologia que viabiliza a internet para a sociedade. A sua principal característica é a autonomia em relação aos trabalhos das corporações. A cultura comunitária virtual refere-se às comunidades virtuais, que moldaram a usabilidade dos fundamentos tecnológicos desenvolvidos pela cultura hacker.

Segundo Lévy (2000, p.49-50), o virtual é um modo diferente do real. A virtualidade é desterritorializada, atemporal, e sempre esteve presente: o telefone, o correio, etc.. O ciberespaço é uma interconexão mundial das memórias de computadores interligados, sem um ponto central. É um universo indeterminável, tendo a desordem como a essência do que Lévy chama de cibercultura.

Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: as características virtualizante e desterritorializante do ciberespaço fazem dele o vetor de um universo aberto [...]. (LÉVY, 2000, p.49-50).

A partir daí o autor procura definir a cibercultura como uma universalidade sem totalidade. Segundo Lévy, a escrita foi a primeira grande transformação da comunicação e, com a criação das artes de interpretação e tradução, ela pôde circular em qualquer espaço (universal). Junto a isso veio a idéia de que o sentido da mensagem deveria ser o mesmo em todo lugar (totalidade). (LÉVY, 2000,p.115). Os meios de comunicação de



massa deram prosseguimento à escrita universalizada e totalizada, mas não promoveram a reciprocidade ou interação entre os participantes. No ciberespaço verifica-se a universalidade sem totalidade. Universal porque atinge um número indeterminado de pessoas, não totalizado porque possui uma abertura semântica, diferente do contexto anterior, onde se viam instituições (igrejas, escolas, etc.) fecharem o “sentido” de uma mensagem. Foi nessa nova universalidade sem totalidade que surgiram os movimentos sociais da cibercultura, e a comunidade virtual é um deles. Segundo Lévy (2000, p.128), as comunidades virtuais se baseiam na cooperação, independentemente de proximidade territorial ou vinculação a instituições.

Segundo Castells (2001, p.106), a sociabilidade local foi importante nas sociedades agrícolas, mas tem um pequeno papel nas sociedades atuais. Para o autor, as pessoas não formam seus laços sociais baseando-se no espaço em que vivem, mas em afinidades. Bauman (1998, p.27) afirma que o corpo físico não é mais tão importante para a sobrevivência da informação, da reordenação de significados ou relações. “No ciberespaço, os corpos não interessam – embora o ciberespaço interesse para a vida dos corpos”. (BAUMAN, 1998, p.27). A troca de conhecimentos é um dos principais fatores para a sobrevivência do ciberespaço. A cooperação existe para que a vida da comunidade se prolongue.

É importante citar, neste ponto, as teorias trazidas por Josephine Klein, em “O Estudo de grupos”. A sua primeira hipótese diz respeito à cooperação dentro de um grupo. O resultado desejado não é o fruto da soma das forças individuais, mas do efeito que o esforço de cada membro exerce sobre os outros. Assim, dentro de uma comunidade online, a ajuda mútua é o resultado da percepção que membros novatos fazem dos membros mais antigos, que são os que mais aparecem como colaboradores. A partir daí, começar a cooperar torna-se automático. Entretanto, sempre há alguns que sabem mais que os outros. Na segunda hipótese, a solução dos problemas colocados em uma comunidade online é encontrada pela interação entre os que sabem mais e os que sabem menos, que são estimulados pela ajuda recebida. “Portanto, quando existem diferenças de habilidade [...] a interação entre os membros de um grupo faz com que os membros menos dotados resolvam o problema devido à ajuda que recebem dos membros mais dotados”. (KLEIN, 1972, p.16). A partir daí a autora mostra duas hipóteses: quando há um único problema e quando há subproblemas.

No primeiro caso, a ajuda de um técnico para os membros menos dotados faz com que a solução trazida por ele seja aceita prontamente como correta. No segundo, a



solução do técnico (por não abranger todo tipo de problema) não será tida como plenamente correta imediatamente. Assim, haverá “soluções” sugeridas por várias pessoas que irão despertar a saída correta para cada subproblema. “Com efeito, o que é necessário, em muitos casos, é uma série de pequenos técnicos [...]. O grupo é então não só mais eficiente, mas cumulativamente mais eficiente do que o próprio indivíduo”. (KLEIN, 1972, p.20).

Assim, em uma comunidade online, é possível encontrar as quatro hipóteses, já que, por ser essencialmente diversa, acumula tanto “técnicos” como “membros menos dotados”. Mas não em uma relação de hierarquia, mas na de horizontalidade. Afinal, todos os membros da comunidade não ficam online ao mesmo tempo. Em um dado momento, “técnicos” ajudam “membros menos dotados”, em outro, “técnicos ajudam técnicos” e, finalmente, “membros menos dotados” ajudam “membros menos dotados”. Para que todo esse processo aconteça é preciso levar em conta também a interatividade.

Nesse sentido, é importante mencionar a Teoria das Trocas Sociais de Piaget (1965) que diz que toda ação do homem pressupõe uma interação entre sujeitos e objetos, todos modificando a si mesmos. A partir dessa idéia Piaget formula um esquema que demonstra as trocas sociais: cada ação de “A” sobre “B” constitui um valor sacrificado por “A” em relação a “B”. Inversamente “B” sacrifica valores à “A”. Mas essa inversão nem sempre ocorre: “B” deixa de sacrificar valores e passa a ter uma dívida com “A” e este a ter crédito. Ocorre, então, um equilíbrio que, segundo o autor, dificilmente é atingido. É por isso que as coações sociais acontecem. Assim, para que ocorra o equilíbrio, as regras não podem ser impostas, mas formadas a partir da livre colaboração.

[...] a condição de equilíbrio das regras racionais é que elas exprimem o mecanismo autônomo de pura cooperação, isto é, de um sistema de operações executadas em comum ou por reciprocidade entre as de seus parceiros [...]. (PIAGET, 1965, p.64).

O Hipertexto e a Inteligência Coletiva

Apesar de parecer recente, o hipertexto retoma antigas “interfaces da escrita”, como páginas de títulos, cabeçalhos, numeração regular, sumários, notas, referências cruzadas, etc. Essas interfaces são interdependentes, possibilitando acesso rápido e não-linear ao conteúdo. Assim é o hipertexto, cuja principal diferença é a velocidade: a possibilidade que as pessoas têm de clicar e obter a informação quase instantaneamente. “Isto se torna a norma, um novo sistema de escrita, uma metamorfose da leitura, batizada navegação” (LÉVY, 2004, p.34-38).



De acordo com Lévy (1994, p.30-31), o objetivo da inteligência coletiva é o aprendizado mútuo, e o ciberespaço proporciona um espaço “móvel” para que o conhecimento possa ter significação para quem desejar recebê-lo. Isso é chamado de valorização do conhecimento, mobilizando as competências do outro. A inteligência coletiva é a reunião das singularidades humanas em busca de um interesse comum. “[...] Numa perspectiva política, as grandes fases da dinâmica da inteligência coletiva são a escuta, a expressão, a decisão, a avaliação, a organização, a conexão e a visão, cada uma delas remetendo a todas as outras”. (LÉVY, 1994, p.69). A dinâmica da inteligência coletiva trabalha com a velocidade do aprendizado, da inovação, da reorganização; multiplicando o seu potencial inventivo. Um grupo inteligente é um grupo rápido, e rapidez é desenvolvida à medida que mobiliza e respeita as subjetividades que a compõem. As subjetividades são as experiências, os aprendizados, os gestos mentais do grupo. Segundo Lévy (1994), a inteligência coletiva está dentro do espaço do saber, que possui um novo tipo de organização do conhecimento: a cosmopédia – um espaço multidimensional de significações, que se modificam a todo o momento. A sua característica principal é o saber contínuo, uma colcha de retalhos que consegue unir-se a outras colchas de retalhos.

Os membros de uma comunidade pensante pesquisam, inscrevem, conectam, consultam, exploram...Seu saber se materializa em uma imensa imagem eletrônica pluridimensional, quase viva em perpétua metamorfose, florescendo aos ritmos das invenções, das descobertas. (LÉVY, 1994, p.183).

Considerando os conceitos abordados é possível extrair quatro categorias que irão nortear a análise do fórum Ubuntu Linux e da enciclopédia online Wikipédia: cooperação, confiabilidade, autoridade e espaço.

A análise do fórum Ubuntu Linux e da Wikipédia

Da reflexão teórica realizada anteriormente, extraiu-se quatro categorias para a análise das duas comunidades escolhidas: cooperação, confiabilidade, autoridade e espaço. Apresenta-se, a seguir, o resultado das análises empreendidas.

A cooperação é uma característica marcante nas comunidades virtuais. No fórum Ubuntu Linux, a cooperação parece ser evidente porque é mais acessível a quem procura alguma informação relacionada à especialidade do fórum. Já na Wikipédia, a cooperação não parece estar tão clara; até porque a primeira imagem que se vê não é a



de uma comunidade, mas a de um site com muito conteúdo. Assim, o objetivo da análise será a comunidade moderadora do Wikipédia e do conteúdo.

A confiabilidade está relacionada ao tipo de informação oferecida pelas comunidades. No fórum Ubuntu, o conteúdo possui a informática como especialidade, mais precisamente o software livre Linux. Já a Wikipédia é uma enciclopédia que fornece conteúdo sobre todo tipo de assunto. O fórum supõe pela sua imagem que, por ser especializado, oferece mais segurança, e a Wikipédia permite que qualquer pessoa adicione e edite conteúdo. Já que essas duas comunidades são frequentadas por muitas pessoas, a autoridade passa a exercer um papel central na organização. Como se viu, as primeiras comunidades já possuíam a figura da autoridade, com as comunidades virtuais não foi diferente. Essa categoria procura fazer a distinção entre as autoridades das duas comunidades.

Já a categoria espaço está relacionada à distribuição de conteúdo nos ambientes virtuais, que são denominados “espaços” por serem formados por um conjunto de relações sociais que formam outras relações sociais e assim por diante. Não será utilizado o termo “território”, uma vez que seu conceito diz respeito ao meio físico em si. Com a categoria espaço, será analisada a forma como os conteúdos são disponibilizados nos diversos espaços oferecidos pelas comunidades virtuais.

A cooperação no fórum Ubuntu Linux pode ser observada através do agradecimento dos usuários em relação a alguma dúvida ou a um tutorial/notícia/guia que foi postado, das respostas a tópicos que mostram sugestões, correções, adições de informações ou pedidos de ajuda sobre um assunto. Além disso, a comunidade traz projetos de seus próprios membros, sendo que os autores podem simplesmente disponibilizar o conteúdo para outros usuários testarem, ou convidá-los a participar do projeto. A confiabilidade é visível principalmente pelo assunto técnico que o fórum traz: um sistema operacional de código aberto. Por ser especializado, os seus participantes são compostos por profissionais e estudantes da área informática. Além disso, a experiência dos usuários também conta no momento de um administrador ou moderador ser eleito, ou na própria disponibilização dos conteúdos, seja em relação a tutoriais/guias/notícias quanto à resolução de problemas e dúvidas dos outros usuários.

A autoridade é exercida pelos administradores, moderadores e pelos próprios usuários do fórum, que “fiscalizam” as atitudes dos outros membros, baseando-se nas regras elaboradas pelos administradores e moderadores. Apesar de o fórum buscar a cooperação entre os membros, as regras elaboradas não são decididas por todos os



participantes do fórum, mas por um grupo seletivo de administradores e moderadores. Mesmo que essas autoridades sejam escolhidas por meio de uma votação, as regras continuam se baseando nas idéias já consolidadas das autoridades mais antigas. O espaço é visto na disponibilização de *links* que: levam a um *download* direto de conteúdo, levam a um servidor para o *download* do conteúdo e levam para outro *site*. Assim, todo o espaço do fórum é constituído basicamente por hipertextos que levam a outras ferramentas de disponibilização, não desconsiderando que o próprio fórum é uma dessas ferramentas, já que pode ser *linkado* em outros *sites*.

A cooperação na Wikipédia é vista através das seguintes ferramentas e estratégias: robôs, tutorial, predefinição e ajuda. O que se verifica é que a cooperação visa a dois objetivos: o conteúdo e os utilizadores. Toda regra, discussão, organização etc. que acontece na Wikipédia é voltada para a melhoria da qualidade dos conteúdos disponibilizados. A cooperação entre os utilizadores, então, é um subproduto do foco maior da comunidade: o conteúdo. A finalidade imediata das pessoas que contribuem para a Wikipédia é o constante aprimoramento dos conteúdos disponibilizados, e não a ajuda instantânea que possam oferecer a outros membros, como ocorre no fórum Ubuntu Linux. A confiabilidade na Wikipédia também é vista através de ferramentas (autorrevisor, reversão e *checkuser*) e estratégias (wikiatividade e colaboração do mês). Apesar de as ferramentas e estratégias terem se enquadrado em categorias específicas, verifica-se que muitas possuem relações entre si. É o caso do *checkuser*, que pode estar na categoria confiabilidade e autoridade. O *checkuser* garante a segurança na utilização de mais de uma conta de um mesmo usuário na Wikipédia. Além disso, o *checkuser* exerce a autoridade de bloquear ips. Já a autoridade pode ser verificada no combate ao vandalismo, na resolução de conflitos dos utilizadores da comunidade e na organização.

Quanto à organização, verifica-se o exercício da autoridade tanto nos conteúdos quanto na estrutura da comunidade wikipediana. O espaço da Wikipédia é parecido com o fórum do Ubuntu Linux: disponibiliza *links* para páginas internas, externas ou para servidores de *download*. A diferença é que a enciclopédia *online* não fornece o *download* direto, como faz o fórum. Assim como a Wikipédia, o fórum Ubuntu também utiliza o *wiki* (sistema que permite que as páginas possam ser modificadas e ampliadas por qualquer pessoa através de navegadores de internet (como *Internet Explorer* ou *Mozilla Firefox*). Mas, diferente da enciclopédia *online*, o conteúdo só pode ser adicionado/modificado por usuários registrados no fórum. O objetivo, entretanto, é reunir todo o conteúdo postado pelos membros da comunidade.



Conclusão

Diante do exposto, pode-se dizer que as comunidades virtuais são uma consequência do desenvolvimento da sociedade humana e são também herdeiras dos valores dos primeiros agrupamentos humanos. Partindo da observação de que muitos conteúdos na web são disponibilizados cooperativamente, chegou-se ao funcionamento das comunidades virtuais.

Compreender o modo como elas são administradas faz parte não só do fascínio que seus valores utópicos proporcionam, mas também do objetivo de desmistificar as visões distorcidas sobre o modo com elas são definidas. Para isso buscou-se definir o conceito clássico de comunidade e o seu perfil histórico: desde as primeiras comunidades humanas, passando pelo início da civilização, até a sociedade atual. O que se verificou foi a mudança no sentido que a comunidade possuía no início da formação dos primeiros grupos humanos. Essa mudança foi uma consequência do surgimento do capitalismo, destacando-se, principalmente, a Revolução Industrial.

Com a globalização, ressaltou-se ainda mais a diferença entre as primeiras territorialidades e as ovas. As novas estão espalhadas por um desterritorialização, característica da Modernidade Líquida (BAUMAN, 2000). A “liquidez” da modernidade sugere uma comunidade cujas relações se modificam muito rápido. Diante dos estudos realizados é possível verificar os pontos em que os contextos das diferentes comunidades possam ser discutidos.

Antigamente a propriedade se restringia a quem nascesse dentro dos limites de uma comunidade. Não havia o intercâmbio do que era produzido entre os diversos limites que separavam os povos. Já na comunidade virtual, não se vê um limite físico que possa monopolizar o conteúdo produzido. É por isso que o hipertexto existe, para facilitar a interação entre os diversos espaços da *web*. Além disso, não há uma restrição de conteúdo às pessoas que não pertencem originalmente a uma comunidade; qualquer um pode acessar o conteúdo.

A diferença entre as comunidades das duas épocas está no alcance do compartilhamento de interesses comuns. As antigas comunidades partilhavam dentro de seu limite territorial, somente para aquele grupo mensurável. Nas comunidades virtuais, essa partilha não ocorre somente entre os membros, mas em toda a *web*. Assim, nas comunidades virtuais, o alcance da partilha não é mensurável. Tudo o que é produzido não pertence somente a um indivíduo, mas a todos. As comunidades virtuais amplificam



a distribuição desse produto em relação às primeiras comunidades. As relações sociais que buscavam somente a sobrevivência das primeiras comunidades se mantiveram até a chegada do capitalismo, que quebrou a coluna de auto-suficiência que as sustentava.

As comunidades virtuais resgataram – como prioridade – a auto-suficiência, e não a sobrevivência. Tanto que o objetivo dos grupos online é proporcionar a auto-suficiência do conhecimento, promovendo-o a qualquer pessoa que o deseje. É claro que a comunidade virtual também depende de alguns fatores para sobreviver (como a contribuição dos usuários, usuários ativos, etc.), mas não é a sua função principal. Porque, mesmo que a comunidade “morresse”, os usuários desse grupo online iriam procurar outro espaço na web ou criar um novo.

Nos grupos online de compartilhamento, a segurança é uma particularidade evidente. A liberdade está presente na espontaneidade da fala dos participantes sobre um determinado assunto. Isso acontece porque, ali, reúnem-se pessoas com os mesmos interesses. Assim, as comunidades virtuais conseguiram fundir a segurança (das comunidades) e a liberdade (da sociedade). As comunidades online, apesar de se basearem nos valores das primeiras comunidades, também fazem parte do corpo da sociedade, até porque elas nasceram dentro desse meio.

É importante dizer também que as comunidades virtuais – como espaços facilitadores da cooperação – têm a solidariedade virtual em sua essência ou uma solidariedade orgânica que acontece no ciberespaço. Ao contrário do que poderia parecer, as comunidades virtuais não se encaixam dentro de uma solidariedade mecânica, porque esse tipo de solidariedade pressupõe ações que não são recíprocas. Na comunidade virtual, a reciprocidade é evidente: a espontânea disponibilização dos conteúdos, a ajuda a outros membros, etc.. Essa evidência se baseia na premissa mais básica do conceito de comunidade: a cooperação.

A comunidade virtual, como um dos produtos da sociedade contemporânea, não poderia se enquadrar dentro de uma solidariedade mecânica. Os grupos online são produtos das especialidades criadas pelo desenvolvimento do capitalismo. Assim, a “solidariedade orgânica virtual” é uma das características das comunidades virtuais.

As primeiras comunidades tinham como característica a homogeneidade e, quando começaram a ter contato com o exterior, sua vida passou a ser ameaçada. Nas comunidades virtuais não há homogeneidade, sob o ponto de vista dos participantes. Há, de certa forma, uma homogeneidade quanto aos conteúdos disponibilizados, já que eles estão dentro de assuntos específicos tratados pelas comunidades. Mas o que se vê é a



heterogeneidade nos participantes, que tentam mostrar a sua individualidade de diversas formas, como nos *nicks*, assinaturas, avatares, na maneira de escrever os *posts*, etc..

As comunidades virtuais não são ameaçadas pelo mundo exterior, mas pelo próprio mundo que criaram. Afinal, a todo momento novos usuários se cadastram. Na verdade, o que ameaça essas comunidades vem de dentro do espaço que criaram, quando, por exemplo, os membros mais ativos deixam de participar com tanta frequência, ou pela falta de membros ativos, etc..

Isto só reforça a idéia de que, ao contrário do que acontecia nas primeiras comunidades, a comunidade virtual possui a superficialidade e transitoriedade da sociedade. Ou seja, apesar de trazer em seu âmago a cooperação das primeiras comunidades, a comunidade virtual possui as características da era moderna: a liquidez das relações, a especialidade, a heterogeneidade, o pequeno vínculo com as clássicas instituições, etc..

É pela intensa diversidade/heterogeneidade dentro das comunidades virtuais que existe a figura da autoridade. Isso não é algo novo, mas que vem desde os primeiros agrupamentos humanos, que se organizavam em torno de um líder. As autoridades dessa época não eram escolhidas, mas “determinadas” pela hereditariedade. O poder que exerciam se baseava em um critério definido por um ser divino, ou seja, eram lideranças baseadas na religião.

As comunidades virtuais também possuem autoridades, mas que são “escolhidas” pelo voto, apesar de a escolha variar de ferramenta para ferramenta. Assim, onde há um grupo de pessoas há um líder para organizar esse grupo, a diferença está no contexto em que essas pessoas se reúnem. Hoje, esse contexto é construído em diversos espaços, em extraterritorialidades. Antes, as primeiras comunidades possuíam limites geográficos determinados, e tudo o que acontecia dentro do seu próprio ambiente não era distribuído para grupos externos. Isso não acontece nas comunidades virtuais, até porque não se fala em limite geográfico, ou territorialidade, mas em extraterritorialidade. Qualquer pessoa pode ter acesso ao conteúdo que é disponibilizado por uma comunidade virtual; a distância entre as pessoas que o disponibilizam não importa. Os *hiperlinks* são as principais ferramentas que possibilitam a extraterritorialidade, porque a comunidade virtual, apesar de potencializar a comunicação entre as distâncias geográficas, é o próprio produto da potencialidade da internet, que liga diferentes pontos de redes do mundo.



Comunidade é sinônimo de cooperação, de auxílio aos seus membros, e foi a primeira saída encontrada pelo homem para prolongar a vida em um espaço selvagem. Ao longo do tempo, as relações sociais foram sendo modificadas com o surgimento de novas necessidades, e a comunidade passou a abrigar vínculos mais complexos de organização humana. Entretanto, não abandonou a idéia inicial de cooperação. Com o tempo, isso foi sendo quebrado devido ao surgimento de relações que priorizavam a acumulação de bens, e não apenas a sobrevivência e auto-suficiência. As comunidades virtuais, apesar de serem um produto desse novo meio social, trazem no DNA a cooperação das primeiras comunidades. O espaço, agora chamado ciberespaço, já não é construído sob territorialidades e não possui limites que possam frear a sua expansão. Com a inconstância do ciberespaço – e também da própria sociedade – as comunidades virtuais resgatam valores antigos, transportando-os para diferentes espaços virtuais.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt, **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Globalização: As conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo; LAGES, Vinícius Nobre. **Territórios em Movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Brasília: SEBRAE, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

DeFLEUR, Melvin. **Teorias de Comunicação de Massa: imprensa, cinema, rádio, televisão**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1976.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

KLEIN, Josephine. **O estudo de grupos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: 34, 1996.

MELO, José Joaquim Pereira. SOUZA, Paulo Rogério de. **A influencia da religião na organização da sociedade grega no processo de transição do genos para a polis**. Disponível em: <<http://www.achegas.net/numero>>. Acesso em: 14 abril 2010.



MOTA, Myrian Becho. BRAICK, Patrícia Ramos. **História das cavernas ao Terceiro Milênio**. 2.ed. São Paulo: Moderna, 2002.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: Comunidade, Mídia e Globalismo**. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

PIAGET, Jean. **Estudos Sociológicos**. Rio de Janeiro: Forense, 1965.

QUINTANEIRO, Tânia. BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira. OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim, Weber**. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

TONNIES, Ferdinand. **Gemeinschaft und Gesellschaft: 1855 – 1963**. Tradução de Charles P. Lummis. Michigan: Dover Publication, 2003.